A Cartógrafa, a Escrita e os Jovens: Marcas de Subjetividades e das Mídias[1]

Profa Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) – Docente.

Resumo

O presente artigo apresenta aspectos de uma pesquisa cartográfica sobre processos de escrita de jovens adultos, como expressão da subjetividade desses jovens e de sua relação com as mídias. Faz uma discussão sobre o cenário de mutações da Ciência, que orientam para pesquisa com base na cartografia, numa lógica processual, sistêmica e complexa. O texto parte, então, de pressupostos epistemológicos e teóricos, para, depois, apresentar a dimensão metódica e técnica da investigação realizada, em nível de doutoramento, na ECA/USP (Brasil). Numa perspectiva transdisciplinar, ressalta a importância da subjetividade da pesquisa e oferece pistas sobre o que trava o processo de produção da escrita científica de jovens adultos, o vínculo dessas travas com a subjetividade e com sua relação com a 'trama comunicacional contemporânea'.

Palavras-chave: cartografia, escrita, jovens, subjetividade, pesquisa.

Sinalizadores Iniciais da Cartógrafa

Uma das conclusões mais fortes da metodologia
é certamente esta: não faz sentido buscar
a cientificidade por ela mesma,
porque método é apenas instrumento.
Faz sentido, isto sim, fazer ciência para conseguirmos
condições objetivas e subjetivas mais
favoráveis de uma história sempre mais humana.
É um absurdo sarcástico jogar fora
da ciência o que não cabe no método.
Se a ciência se der a isto, não passará de algo mesquinho.

(Pedro Demo)

Uma cartógrafa estuda os mapas e relata suas transformações. Assim, abro um espaço para resgatar o processo e refletir sobre a mutação e a processualidade, que caracterizam, tanto o processo de escrita quanto o de pesquisa. Cada vez mais, percebo imbricações entre o processo de escrita e o de investigação. As considerações que trago sobre a pesquisa, neste sentido, são também válidas para a escrita, em especial, para a produção da escrita científica,

[1] Trabalho apresentado no IV Colóquio Brasil-EUA de Ciências da Comunicação.

o registro de uma 'viagem investigativa', que precisa ser narrada, meticulosamente, com os cuidados inerentes à linguagem da Ciência.

Apresento, então, um conjunto de estratégias, que dizem respeito à prática de cartógrafa, que tenho adotado na produção da pesquisa e que muito têm me ajudado na construção de relatos de investigação como este. Fundamento-me, para tanto, em Rolnik (1989, p. 66) e na compreensão de que o método cartográfico é aquele se *faz* "[…] juntamente com as paisagens, cuja formação ele acompanha". Rolnik explica que a prática do cartógrafo diz respeito às estratégias de formações do desejo no campo social e que o sujeito que se dispõe a tal prática "[…] leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações – este, cada cartógrafo vai definindo e redefinindo para si, constantemente" (ROLNIK, 1989, p. 69). Nesse sentido, parto com um critério de busca de aberturas para a captação sensível do real, um princípio que é o da paixão-pesquisa em Comunicação, uma regra que é a busca de 'costura', busca de encontro com os 'nós' da trama dos fenômenos analisados, e o roteiro, que procuro apresentar, mesmo que resumidamente, neste texto.

Entendo a pesquisa como um 'jogo de escolha múltipla'. Por mais referências e conhecimento que se tenha, cada pesquisador faz uma determinada configuração de escolhas, na composição do seu universo de pesquisa. Escolhas que perpassam todas as instâncias, todas as fases. Escolhas que se fazem necessárias o tempo todo. Quer dizer, um outro pesquisador sempre vai poder analisar a produção e pensar que escolhas diferentes poderiam ter sido feitas. Isso porque a composição do universo de referências é diferente, o tempo é diferente. Há sempre variáveis que fazem da experiência de uma pesquisa algo singular, como vivência e como processo de aprendizado, de apreensão do mundo. Nesse sentido, há um texto precioso de Buber (1974), que me parece excelente para ilustrar o desafio com o qual se depara o pesquisador contemporâneo[2]. O texto trata das múltiplas possibilidades de se considerar uma árvore, o que pode ser sentido como uma metáfora para as múltiplas possibilidades de se apreender, de se considerar qualquer 'objeto' de estudo e até de se repensar a condição/relação objeto-sujeito da pesquisa. O repensar essa relação tem implicações profundas em todas as dimensões da pesquisa e, claro, nos seus aspectos metodológicos.

> A reflexão hermenêutica torna-se, assim, necessária para transformar a ciência, de um objeto estranho, distante e incomensurável com a nossa vida,

[2] A subjetividade da pesquisa, assim como a relação com o texto de Buber sobre a 'consideração de uma árvore' está mais detalhada em Baptista (2001).

> num objeto familiar e próximo, que, não falando a língua de todos os dias, é capaz de nos comunicar as suas valências e os seus limites, os seus objetivos e o que realiza aquém e além deles, um objeto que, por falar, será mais adequadamente concebido numa relação eu-tu (a relação hermenêutica) do que numa relação eu-coisa (a relação epistemológica) e que, nessa medida, se transforma num parceiro da contemplação e da transformação do mundo. (SOUZA SANTOS, 1990, p.13)

A propósito, a metáfora da árvore aparece também em Demo (1989, p.249), apontando para a perspectiva hermenêutica na pesquisa. "Para o homem, uma árvore morta não é apenas a constatação externa de um vegetal que deixou de viver e se encontra em estado de decomposição orgânica. Pode ser o símbolo de um modo de vida, ou a indicação da agressividade contra a natureza, ou o marco de uma identidade cultural".

Como me referi, anteriormente, resgato, aqui, a perspectiva Loucos de Paixão-Pesquisa[3], para dizer que só acredito na pesquisa produzida por sujeitos implicados emocionalmente, sujeitos inteiros. Convém deixar claro que, quando falo de emoção, refiro-me ao conceito trabalhado por Maturana[4] (1998), que não o opõe ao da razão, mas o coloca como algo que está na essência do ser humano e de suas ações. Ele apresenta o conceito de emoções da seguinte maneira: "[…] são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação." (MATURANA, 1998, p.15). O autor questiona a desvalorização da emoção pela nossa cultura e explica que isso faz com que não consigamos perceber o entrelaçamento entre emoção e razão, "[…] que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional." Maturana ensina que todo o sistema racional é constituído a partir de operações com premissas previamente aceitas, a partir de uma certa emoção.

É nesse sentido que venho trabalhando a concepção de objeto paixão-pesquisa na prática da investigação e do ensino em Comunicação[5], como pressuposto fundamental. Quero deixar claro que, longe de significar uma visão pueril ou um termo carregado de ingenuidade, sem maior amadurecimento, para mim 'objeto paixão-pesquisa' representa uma convicção. O

[3] Criei esse *slogan* para representar o trabalho de pesquisa e de iniciação científica dos alunos e professores do Curso de Comunicação Social da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, RS, Brasil, em 1995. Está referido também em texto intitulado "Roteiro de um Projeto Paixão-Pesquisa. Diálogo com um Pesquisador Iniciante", que produzi em 1992. Depois, em vários outros artigos que venho apresentando em eventos nacionais e internacionais, defendendo o que eu também denomino como metodologia de sensibilidade (BAPTISTA,2001)

[4] Biólogo chileno, uma das principais referências da contemporaneidade. Autor da teoria que ele mesmo chama de Biologia do Conhecimento ou Biologia Amorosa. Abre a possibilidade de compreensão do entrelaçamento biológico e social ou cultural do humano.

[5] Há mais de 20 anos, essa é a orientação também do trabalho de supervisão técnica de processo de escrita, de monografias de graduação e especialização, dissertações e teses de diversas áreas, além de Comunicação - Educação, Psicologia, Serviço Social, Medicina, Administração, Geografia, Urbanismo, Marketing, Matemática, Direito, Psicopedagogia, etc. - que venho realizando na empresa Pazza Comunicazione.

sujeito só produz, se deseja, se algo o mobiliza. A paixão é plena de dispositivos de mobilização. E é assim que me situo - falo do lugar de quem vive, pensa, ensina, estuda investiga Comunicação, como um dos sustentos existenciais. Trago para compartilhar pistas de um conhecimento que venho produzindo, contaminado de emoção assumida. Sim, porque vivemos muito tempo produzindo saber com a emoção escondida e, mais que isso, negada, como se fosse crime ou, pelo menos, força negativa, que se opõe à razão positiva.

O abandono da dimensão emocional é criticado, entre outros autores, por Restrepo, quando este aborda o que chama de analfabetismo afetivo. Ele resgata uma palavra interessante, *splacnisomai*, do original grego do Novo Testamento. Essa palavra "[…] corresponde à conjugação de um verbo desaparecido no século II a III de nossa era e que hoje poderíamos traduzir literalmente como 'sentir com as tripas'." (RESTREPO, 1998, p.30) Fico pensando. É isso. Sentir com as tripas. É preciso um sentimento visceral que nos coloque em movimento, também na pesquisa.

Cenário de Mutações da Ciência

Desde o início deste texto, venho apresentando a dimensão epistemológica da pesquisa. Sigo, a partir deste ponto, reiterando uma orientação geral qualitativa, que se pauta pelos sinais de mutação, em relação ao que se convencionou chamar de A Ciência, segundo o paradigma emergente pós-Revolução Científica. Do ponto de vista da reflexão da própria pesquisa, procuro avançar na dimensão teórica. Vale ressaltar, de antemão, o trabalho de Lopes (1990), em que a autora, depois de discutir as diferenças de metodologia 'da' pesquisa e metodologia 'na' pesquisa (que é mais restrito, diz respeito ao que eu chamo de procedimentos operacionais), fala das quatro dimensões: epistemológica, teórica, metódica e técnica.

Considerando, então, entrelaçamento entre a dimensão epistemológica e teórica de pesquisa, uma primeira perspectiva a ser mencionada é a da complexidade, cujo principal representante é Edgar Morin (1993) Essa visão muito tem auxiliado para compreender os desafios contemporâneos da produção da pesquisa e das práticas comunicacionais, pois sinaliza para o resgate dos entrelaçamentos das áreas, para o caráter efêmero, para a não hierarquização... não totalitária dos saberes. Nessa linha de contribuição para a visão sistêmica dos fenômenos, cito também Fritjof Capra (1990, 1991, 1997), Roberto Crema

(1989), Boaventura Sousa Santos, Humberto Maturana (1998) e Cremilda Medina.(1990-1991); Cremilda Medina e Milton Greco (1994); e Luís Carlos Restrepo (1998).

Do ponto de vista teórico, a perda da referência única, da rigidez paradigmática garantida durante a modernidade, pelas ditas macro teorias globalizantes, convida para a revisão dos nossos pressupostos. Trata-se, portanto, da necessidade de constituição de um mapa mínimo teórico, uma cartografia no sentido que Rolnik (1989) usa o termo. Isto significa a composição de uma trama de referências, que nos auxiliem no contato com o desconhecido, que atenue a cegueira das luzes da racionalidade exacerbada.

Trata-se de lidar com um 'mar' de referências, uma enorme complexidade teórica, que caracteriza a contemporaneidade. Um tempo de cegueira, como nos ensina Saramago (1995) e Morin (1986; 1991; 1993; 1998). Uma cegueira branca, talvez decorrente das luzes da racionalidade moderna. No romance *Ensaio sobre a Cegueira*, tem-se a ficção de um mundo que retorna à horda primitiva, só que em escala ampliada. A metáfora é evidente, constituindo-se em um belíssimo retrato do caos contemporâneo.

Sem usar diretamente a metáfora da cegueira, Restrepo (1998, p.37) fala do analfabetismo afetivo, trazendo uma grande contribuição para pensar a "pesquisa científica". Segundo ele, a "[...] separação entre razão e emoção é produto do torpor e do analfabetismo afetivo a que nos levaram um império burocrático e generalizador que desconhece por completo a dinâmica dos processos singulares". O autor lembra que nossas cognições são determinadas por fenômenos de dependência e interdependência, por cruzamento de gestos e corpos, o que evidencia que "[...] é impossível continuar excluindo a afetividade do terreno epistemológico […]".

Já Edgar Morin (1991, p.12) se refere a uma "inteligência cega", ensinando que existe uma nova cegueira, ligada ao uso degradado da razão. Sua fala remete ao quanto avançamos, em termos de conhecimentos sobre o mundo físico, biológico, psicológico, sociológico, e, mesmo, no espectro de métodos de verificação empírica e lógica. Apesar disso, ele convida a admitir que "[...] por toda parte, o erro, a ignorância, a cegueira, progridem ao mesmo tempo que os nossos conhecimentos".

Desafios e Implicações Operacionais

Anunciar-se como cartógrafa e defender a perspectiva da Metodologia da Sensibilidade, da emoção na pesquisa, bem como os pressupostos científicos com que venho trabalhando colocam-me diante de uma série de desafios e de demanda de explicações, quanto

às implicações metodológicas, no que diz respeito aos procedimentos operacionais, leia-se metodologia na pesquisa (LOPES, 1990). Parto da ideia de que a noção de sujeito com a qual trabalho permite-me questionar a dicotomia sujeito-objeto da pesquisa, bem como a relação de determinação de um sobre o outro. Tenho observado que o 'suposto objeto' é o próprio sujeito, mostrando-se nas suas qualidades discursivas, de lógica argumentativa, na representação do real - ao menos, do real que esse sujeito apreende, do seu 'olhar' para o real. Olhar marcado pela sua subjetividade.

Como a árvore do texto de Buber, o objeto existe, mas na interação com o sujeito, vai constituir-se com peculiaridades, características de relação, numa espécie de 'mistura', de simbiose, de modo que fica sempre difícil a determinação dos limites, ou seja, saber até onde é um, até onde é outro. No processo, na constituição da pesquisa, 'eu e tu' mesclam-se. A perspectiva racionalista - mecânica, reducionista, cartesiana - propõe a separação, como prática discursiva, como tentativa de afastar a produção científica do plano das emoções - mais difícil de ser trabalhado.

Os denominados critérios da teoria sistêmica (CAPRA, 1997, p.46) ajudam a apresentar as implicações metodológicas. Um primeiro deles é a mudança da visão das partes para o todo - e compreensão que os sistemas são totalidades integradas, com propriedades não reduzíveis às partes. Isto implica em uma abordagem metodológica que não fragmente o objeto, mas considere os fenômenos em sua totalidade, buscando a compreensão da sua trama de relações. Do ponto de vista técnico, implica em uma multiplicação de dispositivos, com o objetivo de abordar, dessa forma, os entrelaçamentos.

Um outro critério trata da capacidade de deslocamento contínuo nos níveis sistêmicos - uma espécie de ruptura com as hierarquizações rígidas e com a fixidez dos 'pré-conceitos'. Quer dizer, aqui temos a necessidade de que o planejamento das estratégias de abordagem dos fenômenos seja o que eu venho chamando de 'trilha referencial' e não 'camisas de força', que muitas vezes endurecem o processo. Deparamo-nos com o desafio de embrenharmo-nos no processo para conhecê-lo verdadeiramente e não apenas para confirmar 'pré-suposições', como parece ocorrer com alguns pesquisadores. Do ponto de vista técnico operacional, isto implica em planejamento, sim, mas na sensibilidade para alterações e reconsiderações, quando elas se fizerem necessárias pelas evidências.

O terceiro critério envolve a compreensão de que não há partes, mas padrões numa teia inseparável de relações. Portanto, as relações é que são fundamentais. Nesse sentido, temos a compreensão de que uma das grandes dificuldades é o processamento adequado dos dados obtidos, no que tange ao seu cruzamento. Há muitas pesquisas, com excelente nível de

dados coletados, mas com grandes deficiências no que tange à explicitação das suas relações. Temos aqui, então, a demanda de um esmero na descrição dos dados, de modo a apresentá-los na sua complexidade.

Fundamental, como critério sistêmico, a ruptura com a concepção tradicional de objetividade científica. Nesse sentido, as opções metodológicas implicam em aberturas para extrapolar a captação do concreto. Implicam na ousadia de se posicionar perante o processo, explicitando o 'lugar' de onde ele foi construído.

O quinto critério da visão sistêmica nos fala sobre a compreensão do limite de todas as concepções e de todas as teorias científicas. Isto nos leva, na questão metodológica, a repensar a instância teórica, principalmente a tendência de adoção cega de visões de mundo, incorporando-as integralmente às peculiaridades de um objeto construído – que envolve, pela sua construção, especificidades, difíceis de serem contempladas por apenas uma visão teórica.

O próximo critério está relacionado à lógica processual - a estrutura do sistema, vista como manifestação de processos subjacentes. Em síntese, temos aqui o desafio de abordagem dos fenômenos em sua dinâmica, como processo de vida, considerado em suas mais complexas dimensões. Do ponto de vista do desafio metodológico, este critério relaciona-se diretamente ao seguinte, qual seja, o caráter efêmero/mutação - compreensão dos sistemas abertos, que precisam de um contínuo fluxo de matéria e de energia, extraídas do seu ambiente.

A despeito da perspectiva estruturalista, o texto de Lopes (1990, p. 82), reforça essa articulação dinâmica, espécie de campo de forças, em que se constitui a pesquisa. Quanto à questão da objetividade, no entanto, a autora a defende, como algo jamais alcançado, mas pretendido.

> A objetividade é entendida como limite ao qual se tende e a que nunca se chega terminantemente [...] do ponto de vista metodológico, o campo de pesquisa seja concebido como articulação dinâmica de diferentes instâncias e de diferentes fases que determinam um espaço no qual a pesquisa é apanhada num campo de forças, submetida a determinados fluxos, a determinadas exigências internas.
> Como campo dinâmico, a pesquisa se configura como estrutura e como processo […]

Um outro critério considera a dimensão de entropia (desordem) nos sistemas. Herdamos nestes séculos decorrentes da Revolução Científica, nestes tempos de Revolução Pós-Industrial, um arsenal de saber e de descobertas tecnológicas que difundiram a informação e o conhecimento amplamente. A facilidade de acesso às informações, a uma

enorme quantidade de informações, mais estonteia que esclarece. O desafio aqui, então, é o desenvolvimento da capacidade de convivência com o caos informacional. Os dados obtidos em uma investigação são muitos, múltiplos, não controláveis totalmente e, pela grandiosidade de seu volume, muitas vezes "entopem" o sujeito, a pesquisa. Travam o processo. Metodologicamente, aqui, o desafio é ficarmos atentos ao que Morin[6] (1991, p.89) chama de "recursão organizacional", muito bem representado pelo autor pela metáfora do redemoinho.

Por fim, pode-se acrescentar um aspecto decorrente dos critérios – mas não menos importante. Defini este aspecto da seguinte maneira: **a ciência se sensibiliza**. Na medida em que o sujeito cientista tem que captar o real também a partir de dimensões sutis, sensíveis, abstratas, dos fluxos que o compõem, que compõem os universos da significação, a demanda extrapola o reducionismo objetivista.

Operacionalização da cartografia

Coerente com esses pressupostos gerais epistemológicos e teóricos, o estudo dos processos de escrita dos jovens adultos envolveu dispositivos heterogêneos. Primeiro, uma grande cartografia bibliográfica, visando vislumbrar a produção já existente acerca das seguintes 'trilhas': pressupostos científicos, comunicação, subjetividade, processos de escrita, linguagem, pós-moderno, jovem adulto e tecnologia. Ao mesmo tempo que a bibliografia inicial era cartografada, foi realizado o trabalho de leituras e fichamentos, de acordo com as priorizações que foram sendo feitas e refeitas, à medida da necessidade de aprofundamento teórico. Os textos foram discutidos em seminário teórico com o orientador, e em grupo de estudo sobre Recepção e sobre Violência em Televisão, sempre com coordenação do professor doutor Mauro Wilton de Souza, da ECA/USP.

A partir do referencial teórico, foi possível realizar também um trabalho de elaboração de linhas de tempo: história dos meios de comunicação, história da escrita, que pude contrapor com a da história da humanidade (grande marcos). Este levantamento possibilitou-me visualizar sincronicidades entre as três linhas, ajudando a compreender a importância e transformações decorrentes do dispositivo comunicacional 'escrita'.

Além de livros pesquisados, é importante ressaltar aqui a grande contribuição de informações obtidas junto a periódicos - com destaque para os jornais Zero Hora, de Porto

[6] Este autor é uma referência importante quanto à flexibilização do processo de busca de conhecimento, considerando a incerteza como algo inerente.

Alegre, Folha de São Paulo, de São Paulo. Foi realizada coleta e análise de textos sobre as trilhas, com uma grande quantidade de textos, classificados sob a rubrica 'escrita', apresentando reportagens e entrevistas com autores consagrados nacional e internacionalmente. Nestes textos, os referidos autores abordam seus processos de escrita e temáticas as mais diversas, como a dificuldade dos jovens com a escrita ou a relação entre palavra e imagem.

Para trabalhar a composição da amostragem, tenho pensado três campos de delimitações necessárias. A amostragem bibliográfica, referente a tudo o que se encontra escrito sobre o assunto; a material, envolvendo informações a partir de suportes; e a pessoal, os sujeitos envolvidos diretamente na coleta planejada. Como amostragem material, posso referir também os textos analisados no trabalho de orientação de Trabalho de Conclusão de Curso. Na época da pesquisa, havia mais de 70 monografias de conclusão de curso orientadas[7], às quais somam-se textos de projetos de pesquisa e de projetos de iniciação científica. Além destes, considero importante ainda o trabalho de supervisão de artigos, projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses, de outras áreas[8].

Antes do trabalho direto com a amostragem do estudo de casos, foi realizada uma sondagem com 120 alunos dos cursos de Comunicação Social e de Letras, da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), de Canoas, RS, através de um levantamento que consistiu no seguinte: os alunos foram convidados, em disciplinas de Língua Portuguesa, a produzir três textos – um sobre sua história de vida, outro sobre o seu cotidiano e outro sobre a sua relação com a escrita. Por fim, as pessoas envolvidas diretamente na pesquisa - os casos analisados - foram estudantes do Curso de Comunicação da mesma universidade. Todos tiveram o trabalho de conclusão orientado por mim, envolvendo um trabalho de observação sistemática e diário de pesquisa de, pelo menos, um semestre. Vários deles produziram a monografia em um ano, sendo as observações resultantes do trabalho nesse período. Os dois recortes pareceram-me interessantes, na medida em que o sujeito que está cursando uma faculdade vive um momento da vida em que já deveria estar com a escrita estruturada e, também, tem acionado todo o potencial de recepção dos mídias. A escolha deste público para a pesquisa deve-se ao fato de que estes jovens estão prestes a ingressar no 'mercado'. Mercado no sentido amplo que venho utilizando aqui. Não é apenas o mercado de trabalho, mas o mercado

[7] Em 2010, este número chega a 181.
[8] Refiro-me aqui ao trabalho de supervisão de processos de escrita que deu origem e, ao mesmo tempo, se transformou com a produção da pesquisa. Trata-se de um trabalho desenvolvido profissionalmente, que se aproxima ao de orientação, mas, no caso, é uma orientação da 'escrita científica', que se produz no acolhimento e acompanhamento de sujeitos em processos de escritura de textos científicos nas mais diversas áreas: Comunicação, Psicologia, Psiquiatria, Medicina, Engenharia, Geografia, Urbanismo, Matemática, Administração de Empresas, Agronegócios, Educação, Serviço Social.

de relações adultas, de um modo geral. Vivem a emergência das exigências da vida adulta, em confronto com suas características de adolescentes.

Outros aspectos que caracterizam os jovens adultos. Eles vivem na 'pele' uma crise - no sentido de enfrentamento, questionamento e reinvenção - com as referências, em geral. Vivem a implosão das instituições. São marcados pelo período de 'des-orientação'. Sentem falta de acolhimento para suas angústias, ao mesmo tempo que têm necessidade de tomar decisões acerca da sua própria vida. Além disso, são cobrados a tomar decisões adultas que interferem na vida de todo mundo. Suas atrapalhações ou seus acertos constróem o futuro, no sentido de que cristalizam marcas... que podem ser de invenção de um mundo novo em múltiplos sentidos…

No caso dos jovens adultos, o encontro com a transformação das referências aparece na reinvenção intensa da linguagem. Temos, então, uma relação direta com o estouro das estruturas de verbalização, já que o processo de construção do verbal é o processo de individuação e de reconhecimento da existência do Outro e da existência do si - mesmo. Estruturação do próprio ser, que se relaciona, em relação e mutação constante.

Quanto aos 'casos', a coleta de dados foi realizada através de reuniões semanais com os seguintes objetivos: discutir o processo do TCC; realizar seminários teóricos; analisar e discutir o processo de escrita e suas relações com diferentes áreas da vida do sujeito. Além disso, passei a analisar o texto produzido, buscando observar relações entre este texto e as características subjetivas e de comunicação do sujeito envolvido. Como o que me interessa é o processo e não apenas as características específicas de cada texto, optei por uma descrição mais abrangente, sem apresentar, por exemplo, uma análise das produções textuais, em si. Interessa-me, isto sim, o processo de inscrição… o vínculo da inscrição com aspectos subjetivos e da comunicação contemporâneas.

Além disso, foram realizadas entrevistas com todos os pesquisados, marcadas com fins exclusivos de coletar informações para a minha pesquisa. O momento das entrevistas foi caracterizado pela escuta do pesquisado, numa interação dialógica (MEDINA, 1986), visando ouvir as impressões pessoais sobre o seu processo de escrita. Fundamento-me também aqui em Medina (1994, p. 180-181), quando esta apresenta alguns dos grandes dilemas, comuns aos cientistas e jornalistas contemporâneos, ajudando-me a pensar, inquietando-me, provocando-me a buscar novas formas de perceber e retratar o real:

As entrevistas foram estruturadas, de modo a obter uma ampla gama de informações sobre o pesquisado. A estruturação, no entanto, foi complementada às novidades inerentes ao processo de interação entrevistador-entrevistado. Quer dizer, há uma lista de temáticas, que

foram abordadas com todos os pesquisados, mas essa lista foi acrescida de novas informações, à medida em que se faziam presentes, naturalmente, na fala do entrevistado. São três as temáticas gerais priorizadas na entrevista: subjetividade, comunicação e relação com a escrita. Há, intencionalmente, uma mescla de temáticas, com o objetivo de obter ainda mais espontaneidade nas respostas. Pauta para entrevista específica: relação com a escrita; histórico dessa relação – momentos marcantes; relato do cotidiano – o que faz no dia-a-dia; relação com meios de comunicação (quais utiliza, quais mais gosta…); ambiente vida – como é o lugar onde mora, onde estuda/escreve, com quem mora; relações familiares – descrição das pessoas e do vínculo; relações tribais – descrição das tribos e do vínculograndes desejos – pelo menos três; grandes medos; relação com o mercado de trabalho – Já trabalha? Alguma dificuldade? Preocupações? Relação com chefia?; relação com o estudo. Gosta ou não: Que tipo de matéria gosta mais?; relação com leitura. Gosta ou não? Livros, revistas, internet…?; apresentação pessoal, diferenciais, marca…; como se sente quando tem que entregar um texto que escreveu…?

Apesar da ênfase da análise sobre a expressão/inscrição linguístico-escrita, a observação sistemática buscou relações com outros tipos, outras formas de inscrição. Isso é coerente também com o conceito amplo de escrita-inscrição, que foi trabalhado. Foram observados e questionados, no processo, os seguintes aspectos: *iconográfico* - relativo à produção textual, envolvendo inscrição/expressão através de imagens; s*onoro* – expressão através de sons em geral, particularmente manifestações e/ou relação com produções musicais. Considero aqui que as manifestações sonoras para inscrição do sujeito podem utilizar ou não suportes midiáticos. (CD, fita magnética…); *corporal* – expressão através de aspectos relacionados ao corpo. Observados aqui desde características físicas, vestuário, adereços/enfeites, emblemas totêmicos, movimentação (caminhar, gestual, dança….); *linguístico-oral* – expressão verbal não inscrita em suporte midiático material. Veiculação direta, sem mediação de tecnologias comunicacionais, interação direta/imediata com o receptor, expressão efêmera; *linguístico-escrito* – expressão verbal inscrita em suporte midiático. Não necessita da interação física e direta com o receptor. Expressão/inscrição que permanece no tempo e tem a possibilidade de vencer o espaço (distâncias) que, muitas vezes, separam emissor e receptor do texto.

Há ainda algumas especificidades que puderam ser consideradas, no aspecto lingüístico-escrito: *monólogo* – texto escrito para si mesmo. Ex. Agendas diárias, poesias, textos rascunhos. Tipo de texto pessoal, sem intenção de compartilhar; *diálogo* – texto escrito para uma outra pessoa, em particular. Ex: cartas, mensagens via internet; *tribal* – texto escrito

para compartilhar em grupo restrito, do trabalho, da escola, de amigos, em grupos de discussão pela internet; *midiático* – texto escrito para ser veiculado por meios de comunicação de massa, mediado e inscrito em um suporte midiático.

Como se pode observar, tanto entrevista como observação sistemática constituem-se em instrumentos complexos de coleta. Não houve, diante disso, a pretensão de um processamento quantitativo dos dados obtidos, até porque isso seria incoerente com a proposta de abordagem de uma amostra pequena, em um trabalho qualitativo. Existiu, no entanto, a preocupação de uma 'escuta' e seleção criteriosas das informações, bem como o de um relato que correspondesse à seriedade e dedicação com que informações tão significativas foram obtidas. Nesse sentido, alguns cuidados foram tomados, no estabelecimento de estratégias de descrição.

Optei por apresentar relatos dos trechos significativos das entrevistas, entremeados por considerações minhas, que resultam das observações das entrevistas. Os trechos foram apresentados por escrito, como 'texto de fala', quer dizer, não houve adaptações, correções. Acredito que isso possibilita a apreensão de um pouco do ritmo de cada um. Uma fala do pesquisado chamado de Salvatore, por exemplo, adaptada para a escrita perderia informações importantes sinalizadas pelas intercalações, quebras… pelos resmungos de fala que ele produz e que eu procurei reproduzir.

Identifiquei com reticências as hesitações dos entrevistados e com reticências entre parênteses as supressões de trechos de textos, considerados não significativos. Os trechos de fala estão identificados com aspas e itálico, por se tratarem da 'fala do Outro no Meu texto'. Diferente das citações dos autores, no entanto, mesmo os trechos longos citados não estão em recuo gráfico, para diferenciar das citações escritas.

Para efeito da descrição dos dados das entrevistas e observação sistemática, utilizei um roteiro, de modo a apresentar preferencialmente na mesma sequência as informações sobre os diversos casos analisados. Digo preferencialmente porque, ao optar pelo estilo de texto mais literário, tratando cada caso como o de um 'personagem', escolhi também o caminho de uma produção mais solta, mais fluida, que não permitiria a obrigatoriedade de sequência. Os casos foram descritos todos sob pseudônimos, para preservar a identidade dos pesquisados, o que foi acordado com os sujeitos da pesquisa. Seus nomes foram escolhidos em um elenco de nomes italianos, por uma opção pessoal. Depois, o material passou pelo tratamento de 'discussão', com cruzamento, em quadros, com o referencial teórico.

Considerações Finais

A cartografia mostrou-se como método adequado, para a pesquisa com os jovens adultos. A investigação permitiu considerar que os seus processos de escrita expressam, claramente, a dimensão de multiplicidade, hipertextualidade e complexidade de processos contemporâneos. Processos de relações subjetivas, de interações de subjetividades, processos de comunicação-trama. As grandes pistas, para a potencialização desse processo, parecem apontar no sentido da necessidade de flexibilização das regras e estabelecimento de estratégias mais lúdicas, mais prazerosas, na constituição das relações e da escrita, bem como a ampliação da compreensão da influência das mídias no processo de inscrição.

Outro aspecto é que é difícil o sujeito colocar-se em relação em contexto caótico de exacerbação da demanda idealizada, por parte de um mercado medíocre, falso e infantilizador. A aceleração cotidiana coloca o sujeito em busca de uma busca constante, em processos de constante substituição das demandas e ofertas de satisfação. Sofisticados recursos e dispositivos envolvem-no com ofertas sedutoras, de encantamento do mundo, de entregas supostamente totais. Trata-se de um sujeito desejante que não escreve, também porque seu desejo não se inscreve, não tem tempo de amadurecer. A psicotecnologia decorrente do forte vínculo com televisão e computador, por exemplo, é emblemática dessa aceleração fluxo do desejo, que não se realiza.

Aliada ao cotidiano caótico, a trama de mídia disputa o sujeito, em um esgarçamento, 'esticando' o ego até não aguentar mais. Em troca disso, por trás da trama de mídias, a trama empresarial capitalista com a produção de 'bens materiais' propõe a substituição constante de necessidades existenciais por produtos de alta geração e sofisticados recursos tecnológicos. Trama em que o jogo dos interesses põe o sujeito correndo, às pressas, 'buscar seu lugar no futuro'. O sujeito inscreve-se, assim, apressadamente, afoitamente… não goza o suficiente o processo. Não tem tempo de sentir… o processo... de escrita.

A contemporaneidade apresenta, então, a multiplicidade como marca intrínseca. Múltiplas relações, múltiplas associações, aceleradas pela velocidade cada vez maior dos processos de interação. Redes midiáticas, de sofisticados dispositivos e de artifícios que tentam aproximar as pessoas na distância. 'Tão longe dos olhos, tão perto do coração'. Nem sempre. Infelizmente, pelo que relato na pesquisa a subjetividade contemporânea, em muitas situações, vale mais a inversão da bela frase para 'tão perto dos olhos, tão longe do coração ou tão longe dos olhos, tão longe do coração'. Vínculos à distância. Rápidos encontros fortuitos

mediados por máquinas 'inteligentes'. Sujeitos maquínicos com medo de se mostrar, de se entregar. Desenvolvem a prática de expressar-se-imprimir-se, sem adequado 'processamento', de afeto e das informações. É disso que me falam alguns jovens, quando se dizem 'sem tribo', mas com muitos conhecidos… É disso que me dizem os alunos quando afirmam terem dado 'uma olhada' no texto do referencial teórico. Sujeitos sem projeto, sem inscrição de profundidade... há que se pensar nisso...ainda mais, em outros textos, em outras pesquisas.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA. Maria Luiza Cardinale. **Emoção e Subjetividadena Paixão-pesquisa em Comunicação.** Desafio e Perspectivas Metodológicas. n. 4, 2001. Disponível em: http://www.uff.br/mestcii/marialuiza.htm. Acesso em: 14 jul. 2010.

_____. Paixão-Pesquisa: o Encontro com o Fantasminha Camarada. **Textura**, Canoas, ULBRA, n. 1. 1999/2.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 2. ed. revista, São Paulo: Moraes, 1974.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida. Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. **O Ponto de Mutação. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

CREMA, Roberto. **Introdução à Visão Holística. Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma**. São Paulo: Summus, 1989.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

LIMA, Edvaldo Pereira. "Da Escrita Total à Consciência Planetária". In: **Criatividade e Novas Metodologias**. São Paulo: Peirópolis, 1998.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação. Formulação de um Modelo Metodológico**. São Paulo: Loyola, 1990

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (orgs.). **Novo Pacto da Ciência 3. Saber Plural. O Discurso Fragmentalista da Ciência e a Crise de Paradigmas**. São Paulo: ECA/USP/CNPq, 1994.

_____. **Entrevista. O Diálogo Possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MORIN, Edgar. **O método 4.** As idéias, habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.

_____. O pensamento em ruínas. In: **A decadência do futuro e a construção do presente**. Florianópolis: UFSC, 1993.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo.** São Paulo: Instituto Piaget, 1991.

_____. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

RESTREPO, Luís Carlos. **O Direito à Ternura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**. São Paulo: Liberdade, 1989.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências**. 2. ed. Porto/Portugal: Afrontamento, 1997.